

NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

EDITORIAL

Um dia destes, já lá vão uns tempos, estávamos na farmácia à espera que o Valdemar aviasse uns clientes para depois nos atender. Isto de ter que cortar os preços dos invólucros e depois ter que os colar nas receitas, leva um tempo dos demónios.

A certa altura entra uma jovem conterrânea, não totalmente mal vestida, e quando ela entra um cheiro horroroso dissemina-se no ar. Como definir tal cheiro? Era um misto de suor, de fundos mal lavados, e por isso asfíxiante. Há quem lhe chame sulfato de peúga; em Coimbra designávamo-lo como bióxido de infantaria. Entendemos porém que tais designações eram leves de mais para aquela odorência sufocante. Em tempos de menoridade ouvimos várias vezes a palavra fedentina para designar qualquer cheiro intensamente desagradável. Este termo já será mais aproximativo.

A LIMPEZA, DEUS A AMOU

Dáva-nos por vezes a sensação de que ia amainar mas, impaciente como nós, a rapariga mexia as pernas, mexia os braços e, sempre que se movia, de novo aquela poalha agonizante subia aos céus e inçava-nos a todos. Como pode um homem dormir com uma mulher destas?

Admirámos o Valdemar. Pressuroso, activo, não tinha tempo de cheirar o ar e talvez porque estava do lado de lá do balcão, na companhia de essências, desinfetantes e mezinhas olorosas e ainda porque tinha a sua atenção virada exclusivamente para o negócio, esquecia as mensagens que os receptores olfativos enviavam ao cérebro. Por isso sentia-se bem, muito obrigado.

Mas nós estávamos em pulgas. Não era já e só o enfestamento do ar que nos incomodava. Que fosse em paga dos nossos pecados! Temíamos é que aparecessem alguns camones (leia-se estrangeiros) e que apanhassem aquela fragância nauseabunda de chofre pelos cornetos dentro. Que diriam? Uma de duas coisas: que os portugueses eram uns porcos ou então que os remédios portugueses continham substâncias altamente tóxicas e por isso mesmo suspeitosas.

Pensámos de imediato na componente turística ou na implicação turística que o caso oferecia: gastam-se milhares de contos em publicidade, desdobráveis, campanhas nos meios audiovisuais, viagens de promoção e tudo pode ir por água abaixo quando se depa-

(Continua na pág. 2)

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

FRANCISCO PIRES CASANOVA

Não temos a veleidade de colocar neste patamar todos os fangueiros que ao longo dos séculos se distinguiram ou se revelaram diferentes em termos de protagonizarem as condições consideradas fundamentais para os retirar do limbo do esquecimento.

Aqueles que viveram numa altura em que os jornais já existiam ou que as nossas memórias focalizaram por uma apreensão directa e ainda os que figuram em documentos passíveis de consulta, facilitam a vida ao inquiridor e saiem do anonimato, por isso mesmo. Outros terão existido e desenvolvido acções ou preenchido perfis singulares, mas da sua existência, por este ou aquele motivo, não ficaram quaisquer testemunhos. Assim, da sua vida, das suas acções, das suas posturas diferenciáveis, não resta mais que o silêncio dos séculos. E é pena.

Por isso urge ressaltar os espólios, toda a documentação que determinados organismos foram conservando através dos tempos. Esses registos, essas memórias constituem por vezes um testemunho, um reflector da vida de outros tempos que permitirão aos peritos fazer restituições epocais, umas mais sedutoras, outros com uma abrangência e um poder de recuperação quase integral. E nesses «salvados» surgem figuras que não poderemos deixar morrer.

Pelo que respeita à terra de Fão, há que destacar o recheio documental da Santa Casa da Misericórdia, em boa hora estudado e catalogado pelo dr. Alberto Antunes Abreu quem nos permite visitar Fão nas suas vertentes económica e social, no espaço que vai dos finais do séc. XVI até aos nossos dias. A Junta possui igualmente um arquivo, ainda não estudado nem catalogado, com a agravante de ter *emprestado* para fora, há meia dúzia de anos, um volume de actas, cremos que o terceiro, balizado entre os finais do século XIX e princípios do século XX. Dizem-nos que não foi esta Junta quem o despachou. Parece que sim, mas o referido volume ainda não *voltou aos donos* que nem por isso se mostram preocupados. A Fão o que for de Fão.

O Arquivo da Santa Casa da Misericórdia, com uma referência predominantemente doadora, enseja a possibilidade de descortinar algumas personagens que, pela sua intervenção

benemerencial, se destacam dos seus coevos. É certo que as actas em causa não descortinam vultos típicos nem tão pouco salientam intervenções que fogem um pouco da sua órbita, mas descrevem objectivamente factos cuja realização, por sua vez, permite caracterizar e tipicizar os indivíduos que neles intervieram.

É evidente que o descritivo biográfico apresenta lacunas, mas certas pinceladas caracterizadoras permitem recuperar o essencial das pessoas.

Assim, aparece-nos pela nossa frente o fangueiro Francisco Pires Casanova. Quem foi? Para o localizar no tempo vamos revelar que morreu em 1629. O que fez ele? Foi só o fundador da Misericórdia de Fão. Características? Como se pode preencher o seu perfil? Esclarecemos que estamos a seguir par e passo o estudo do dr. Alberto Antunes de Abreu intitulado «O arquivo e as origens da Santa Casa da Misericórdia de Fão publicado no infelizmente desaparecido Boletim Cultural de Esposende».

Socialmente foi uma personagem de relevo, de boa conduta moral e de respeitabilidade. Em suma, foi um homem de respeito. Estes pressupostos são exigíveis, ou melhor, eram necessários a quem pertencia à Misericórdia. Era uma pessoa da «melhor condição».

Foi também um grande bairrista e filantropo.

Segundo o erudito investigador que vimos seguindo, a Misericórdia de Esposende foi fundada nos fins do século XVI. Fão, cuja rivalidade com Esposende já vinha de trás, ripostou com a sua Misericórdia, também anterior ao início do séc. XVII. Francisco Casanova foi o agente ou instrumento desta emulação. Devemos acrescentar que foi um homem de sucesso e, portanto, inteligente. Diz com efeito Alberto Antunes de Francisco Casanova «que parece não sabia assinar, era pescador e «acumulou uma fortuna considerável». Naquele tempo a profissão de pescador ocupava muitos homens que «em terra» exerciam funções de realce. Vejamos o caso do tesoureiro da Misericórdia: era pescador. Pescador foi ainda o escrivão da dízima do pescado do Duque de Bragança. O provedor de 1626-27», ausentou-se da localidade por andar no mar».

O pescador acumulava em regra a função de mercador. Teria sido através do negócio que este conterrâneo fez o seu pé de meia? É possível. Existem provas desse enriquecimento. Entre 1615 e 1629 gastou na compra de terras 60.000 reis. A bouça grande em Paredes, doada desde 1529 à Misericórdia, que «era de muitos herdeiros e a cada um deles comprou Francisco Pires Casanova os seus quinhões até que ficou senhor de todo o ter-

(Continua na pág. 2)

Entrevista com o Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Fão, feita pelo nosso colaborador

QUIM DE FÃO.

Ver pág. 3

EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

ram situações como aquela que nos martirizava.

Entretanto o tempo ia escorrendo, os olfactos iam-se habituando, os clientes eram muitos e nós gastamos o tempo e sufocámos o enjoo trazendo à colação solilóquial aquela frase referida acima: «seja pelos nossos pecados». E então revisitámos alguns dos santos que ao longo dos séculos se mortificaram em questões de higiene e cometeram acções que aos olhos do século XX nos fazem arrepiar o estômago. Por exemplo, S.ta Agnès, mãe de Henrique IV gabava-se ou proclamava com exaltada ufania que em toda a sua vida nunca tinha tomado banho. O seu biógrafo enalteceu esse sacrifício (1).

A nossa Santa Joana Princesa que se venera em Aveiro andava meses e anos com a mesma camisa o que dava azo a que a santa fosse transporte de centenas ou milhares de piolhos (2). Por sua vez a nossa devoção com S. Francisco Xavier quase se desvaneceu quando fomos, em tempos longínquos (3), que o Apóstolo das Índias, andava com a mesma batinha cerca de sete ou catorze anos. Demos uma vez boleia a um campista. Desde que nos entrou no carro, o cheiro que exalava das calças era tanto que tivémos de abrir todas as janelas, queremos dizer, os vidros. Este caso do campista fez-nos pensar no Apóstolo das Índias e daí a quebra da nossa devoção.

Dirá o leitor: e por que fazia esta gente tantos e tão dolorosos sacrifícios? Exactamente para a remissão dos pecados. Eram épocas de exaltação e fanatismo religioso. Havia um terrível medo de ir para o inferno e daí os sacrifícios, hoje impensáveis. Vamos dar dois exemplos. Naqueles tempos, fundo da Idade Média, era frequente os Papas usarem e abusarem da Excomunhão que tanto podia ser lançada a um indivíduo como a uma nação inteira.

E conhecem-se as consequências: Um país excomungado ficava fora da comunhão dos fiéis. Não se podia dizer missa, etc., etc., etc., e os mortos eram enterrados civilmente, desacompanhados, do amparo religioso. Entretanto a excomunhão era levantada e esses mortos eram desenterrados para de novo baixarem à terra com as bênção e sufrágios proporcionados pelo clero. Só mais outro exemplo: Ao longo da Idade Média havia bons homens que adquiriam em vida a aura de santos. Género padre Cruz. Pois estes ídolos do populacho, por vezes, foram vítimas da devoção daquela gente e muitos pagaram com a própria vida o estatuto de santidade que possuíam. Os devotos aproximavam-se deles e cada um procurava levar o que pudesse: roupas, ossos, pigace (sapatos), tudo, enfim.

Os ídolos actuais do desporto, do cinema, da canção correm esse risco. E por isso eles fazem-se rodear de uma autêntica guarda pretoriana. Cautela e caldos de galinha nunca fizeram mal a ninguém.

Finalmente fomos aviado e então seguimos para casa. Pelo caminho continuámos a meditar e chegamos à conclusão que os responsáveis do turismo devem desencadear campanhas promocionais lá fora e, cá dentro não devem ficar no olvido acções que se destinem à actualização dos cuidados higiénicos entre a população e até no pessoal hoteleiro. Quantas vezes temos absorvido à força o tal bióxido de infantaria trazido nos sovacos dos empregados hoteleiros...

Não comungamos de modo nenhum com o comportamento dos nossos religiosos medievais pois temos como certo e antigo aquele adágio que todos conhecem:

A LIMPEZA DEUS AMOU!

(1) História do pudor, de Jean C. Bologne.

(2) A Sociedade Medieval Portuguesa, de Oliveira Marques.

(3) Sílvia de Lima — O amor más.

FRANCISCO PIRES CASANOVA

(Continuado da pág. 1)

reno». «Os prédios que se venderam por preço mais elevado, foram aqueles que Casanova comprou e doou».

Portanto, pescador, mercador, proprietário, filantropo e inteligente, eis as facetas que se deduzem deste conterrâneo.

Pensamos que depois de atingir uma considerável fortuna, Francisco Casanova aspirou a uma posição social invejável e isso foi conseguida através da fundação da Misericórdia de Fão e de umas tantas doações à mesma.

Não duvidamos que a Misericórdia de Fão lhe tenha acarretado prestígio e, pelos vistos, somada, a eternidade. Não desaparecerá da história fangueira.

PAI PAULINO TEM...

Qualidade. A Texalves, embora como limitado tempo de existência, vai dando nas visitas no universo da indústria têxtil. Há pouco tempo noticiámos que na exposição da Portex, no Porto, conseguiu o primeiro lugar em roupa de criança. No mês de Junho p.p. apresentou-se de novo no certame, realizado igualmente na Portex, e obteve o 2.º lugar, também em roupa de criança.

A originalidade dos modelos e um perfeito acabamento sensibilizaram de novo o exigente júri.

Estão de parabéns os seus proprietários, filhos do nosso amigo Paulino Alves que, muito embora não se intrometa na gestão daquela unidade fabril, não deixa contudo de recomendar aos seus descendentes a palavra qualidade como base do êxito no âmbito das confecções.

E de tudo, diga-se.



HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053 - 96 14 73/4
TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m², frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m², a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suites e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chaine des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; boite com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Ótimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

OS NOSSOS ENTREVISTADOS

4

Pelo QUIM DE FÃO

Temos procurado entrevistar os dirigentes das instituições fangueiras que mais prestígio e intervenção têm na nossa terra. O jornal não é do seu proprietário nem dos colaboradores. É da Terra e ao serviço da Terra, muito embora possa e deva manifestar os pontos de vista dos seus articulistas. Sabemos que não agradamos a gregos e troianos. Também nos agrada registar que os homens passam e as instituições ficam. É nossa intenção e sempre assim nos norteamos fazer do jornal uma janela aberta da terra para todos os fangueiros e sobretudo para os que labutam no estrangeiro e têm no jornal um elo de ligação. Nunca me passou pela cabeça e já várias vezes o tenho tentado, que a vida da Misericórdia não fosse tratada neste jornal. É importante que daqui a cinquenta, cem anos, ao respigar, ao ler o Novo Fangueiro a vida do Hospital, da Misericórdia, do Infantário, esteja testemunhada no único texto escrito que hoje existe. Por outro lado, esta entrevista mostra que todos os fangueiros são necessários para o enobrecimento e engrandecimento de Fão. Que não há ressentimentos; que o machado-de-guerra foi enterrado; que todos praticamos todas as obras de Misericórdia.

TRÊS DINASTIAS

A Santa Casa da Misericórdia de Fão tem na sua existência três dinastias, três reinados: a primeira dinastia construiu e administrou a Misericórdia-Asilo, juntamente com um hospital rudimentar. Teve como últimos provedores os rev. Prior Nogueira e Comandante Teixeira. A segunda dinastia teve dois provedores: Prior Gonçalves e Padre Avelino Borda. Reinaram cerca de quinze anos. Construíram a ala de internamento sul e dinamizaram a cirurgia e maternidade. O sr. Padre Avelino Borda defendeu com «unhas e dentes» a não nacionalização da Misericórdia. Foi quase único no país. Esteve desde a primeira bora na criação da Associação das Misericórdias.

A terceira dinastia teve início por volta da primeira metade dos anos setenta. Teve e tem como Provedor o sr. Celestino Cubelo Moraes. O salto quantitativo e qualitativo foi enorme. Dos tostões aos milhões o orçamento multiplicou-se a olhos vistos. Os serviços expandiram-se; os utentes são aos milhares. E apesar de todos desejarem ser atendidos «de bora»; mesmo pagando, o movimento e os elogios são incontáveis. As instalações melhoraram; o atendimento também. O lar é um hotel. E só diz mal do hospital de Fão quem não conhece outros similares. Embora Deus não agrade a todos...

Pois, é nestas e por estas circunstâncias que eu, Quim de Fão, me proponho entrevistar o sr. Provedor. Conhecem os que me lêem a minha frontalidade e as «Farpas» que vou rabiscando, mas, isento e apaziguador, nunca me deu tanto prazer uma entrevista, embora me não sinta comprometido ou subalterno. Agradeço ao Provedor que tantas vezes me negou este privilégio o ter-me concedido resposta a estas questões.

UMA INSTITUIÇÃO CHAMADA MISERICÓRDIA

N.F. — O que é, hoje, a Misericórdia de Fão?

PROVEDOR — É, foi e continuará a ser uma Instituição de Solidariedade Social, sem fins lucrativos, com quase quatro séculos de existência. Tem uma vida complexa, abrangendo três grandes actividades: Infância; Terceira Idade/Centro de Dia; Hospital. Na Creche e Jardim de Infância tutelamos



O actual Provedor
Celestino Cubelo Faria Moraes

cerca de 125 crianças, doze boras por dia. No lar da Terceira Idade temos cerca de 100 utentes; no Centro de Dia apolamos 10 pessoas; no Hospital, apoiados em 60 camas, temos uma enorme gama de serviços.

Hoje, em termos financeiros, o orçamento é de quase mil contos por dia. Digo orçamento, porque é esse o termo correcto. É muito diferente de «gastar», porque o orçamento contempla despesas e investimentos. Destes, constam aquisição de bens, valores e equipamentos. Destas acções de carácter económico resulta, antes de mais, aumento de capacidade nas acções que nos estão cometidas e, depois, a «mais-valia» que se pode extrair, para além da propriedade de raiz. A Santa Casa da Misericórdia apresenta um conjunto de resultados que não só me satisfazem, mas, mais do que isso, me honram. A mim e a quase todos.

SER PROVIDOR

N.F. — O que significa ser Provedor?

PROVEDOR — Acima de tudo é ser um elo da corrente. Da corrente de energia, da boa vontade, do entusiasmo, até...

Depois, tem especificidades das quais me apraz evidenciar apenas duas: o encorajamento das capacidades e das acções e a assunção das responsabilidades. Cabe aqui dizer, em abono da verdade, que não me tem faltado a solidariedade esperada, por parte dos meus companheiros da Administração. No entanto, não me escuso em colocar-me na frente, e, como o essencial de equipa é forte, temos aguentado bem as «investidas». Há outro significado que não posso negar: é que para além do «stress» e problemas vários, tenho muita honra e orgulho em estar ao leme, apesar da «grandeza do barco»... ser Provedor é uma «data» de trabalhos e preocupações cuja responsabilidade é enorme e cada vez maior. Já vão muito longe os tempos onde era feito e resolvido pelo Provedor. Por isso, convém salientar o trabalho da restante equipa, de toda a Mesa administrativa. Os tempos e a evolução da instituição não se compadecem com outro modelo de gestão. Desde a primeira hora que tentamos resolver os problemas em equipa, dividindo os sectores e responsabilizando individualmente cada mesário. O quotidiano de cada pelouro é assumido, em primeiro lugar, pelo Mesário designado e em última análise pelo Provedor e restante Mesa. Convém lembrar

que estamos a falar duma Administração de voluntários, filantrópica, amadora, mas que tem só a responsabilidade de cerca de 80 empregados directos e gerir cerca de 250 mil contos/ano. Só em trabalho de equipa é possível gerir e administrar tão grande barco. o tempo de gestão individual e personalizado já foi...

QUE SERVIÇOS?

N.F. — Que âmbitos/modalidades existem entre os utentes e a Misericórdia, na oferta de serviços, a nível hospitalar e do Lar da 3.ª Idade? Que serviços? Que médicos? Que horários? Qual o número de utentes ano?

PROVEDOR — Começemos pela parte mais simples: 3.ª Idade — como é do conhecimento geral, não temos regras fixas. Em princípio são dois os critérios utilizados.

1 — Pobres, sem família, têm lugar garantido em qualquer altura.

2 — Idosos, com filhos; estes, dentro das suas possibilidades têm de contribuir para o bem-estar dos pais. Assim e para demonstrar certas cabalas, citemos alguns números:

- Naturais de Fão, temos 36 utentes.
- Naturais do Concelho, temos 17 utentes.
- 50% contribuem com 80% das reformas inferiores a 30.000\$00.
- 12% são utentes do Distrito de Braga.

O sector hospitalar é mais complexo. Genericamente podemos dizer que temos urgência gratuita 24 horas por dia. Internamento gratuito nas modalidades com as quais temos acordos com a Administração Regional de Saúde. Inúmeras valências a nível de mais auxiliares de diagnóstico e consultas de especialidade, entre as quais cito: Cirurgia Geral; Obstetrícia/Ginecologia; Otorrino; Ortopedia; Oftalmologia; Urologia; Dermatologia; Psiquiatria; Cardiologia. Pediatria. Cirurgia Plástica; Fisioterapia. Esta última encontra-se na fase de montagem do serviço de atendimentos.

Temos há já algum tempo intenção de publicar um número mais do Boletim Informativo da Santa Casa — o que irá acontecer muito proximamente — e lá informaremos os horários e outros pome-nores que consideramos de utilidade.

ACORDOS: QUAIS?

N.F. — Como vamos de acordos com as instituições estatais? A.D.S.E. e S.R.S. (caixas) e outros? Que regalias têm estes beneficiários?

PROVEDOR — Quanto aos acordos vigentes, penso já os ter referenciado na pergunta anterior. Contudo, nas negociações entabuladas em Julho do ano passado com um desfecho assinado solenemente no Gabinete do Governador Civil nem todas as nossas propostas consideradas importantes, tiveram a concordância da Administração de Saúde. Outras normas, impostas por esta, não as entendemos como as mais funcionais e justas. Como procurámos o melhor acordo e não um qualquer acordo, continuamos em contactos constantes com a Administração Regional e o Ministério de Saúde na procura da mais profícua cooperação. Decorrem, pois, com a A.R.S./Braga e os senhores Secretários de Estado Adjunto e da administração da Saúde as conversações que esperamos sejam conducentes ao melhor futuro das nossas relações com o S.N.S.

Em relação aos subsistemas, continuamos as negociações com aqueles que mais nos interessam e que aceitam ampliar a sua rede de hospitais cooperantes. Há alguns com os quais já trabalhamos.

TEMPOS DIFÍCEIS

Estamos numa fase nova, mas crítica. Como o nosso hospital nunca foi nacionalizado, honrosa excepção, sempre prestámos serviços ao abrigo

(Continua na pág. 4)

OS NOSSOS ENTREVISTADOS

(Continuado da pág. 3)

duma legislação híbrida, com acordos pontuais com as A.R.S. vizinhas, Braga, Porto e Viana do Castelo. Os beneficiários tinham e têm as regalias normais dos utentes do S.N.S.

Contudo, actualmente, estamos na eminência de termos de renegociar este acordo com a A.R.S., cujo clausurado nos poderá trazer alguns problemas. O Estado vai-nos criar muitos problemas, dado exigir que os responsáveis titulares das várias cambiantes de serviço não trabalhem para o Estado. Ora, sendo assim, onde vamos arranjar médicos só privados? *Nas responsabilidades onde não for possível arranjar tais colaboradores, só há duas hipóteses: ou fechar ou então manter esses serviços e especialidades abertas, mas de uma forma totalmente privada.* Então, sim. *Vão ver o que é a Clifão, e contudo, não tenho quaisquer dúvidas que dada a competência dos nossos colaboradores-médicos, vão continuar a buscar auxílio e ajuda no nosso hospital, mas, certamente com mais saudades das ditas «taxas obrigatórias».* Hoje, sim, *meramente simbólicas.* E nada mais podemos fazer senão acatar tão duvidosa legislação. Contudo, resta sempre a opção dos hospitais do Estado, como é óbvio.

CLIFÃO?

N.F. — *Diz-se que a Misericórdia de Fão é uma Clifão. É verdade? Há taxas obrigatórias para todos os utentes?*

PROVEDOR — Uma das poucas coisas que não paga impostos é o ridículo e a liberdade de expressão mesmo que balofa.

Haverá algum hospital que dê lucro? Não acreditamos. Contudo, e antes de mais, convém dizer e esclarecer que o hospital de Fão é privado, nunca foi nacionalizado e **NÃO RECEBE UM TOSTÃO DE SUBSÍDIOS DE NINGUÉM.** Os apologistas da Clifão alguma vez se interrogaram sobre os custos reais de manter, aumentar, melhorar o nosso hospital? Alguém deu um tostão para fazer um telhado novo? Para substituir a parte eléctrica? Para montar o sistema de aquecimento? Para comprar equipamentos caríssimos? Para renovar e substituir infraestruturas, pinturas, material de diagnóstico, etc.? Quem? Só mentecaptos, mentalidades retrógradas e bacocas podem dizer asneiras destas: Clifão?

Será que não sabem que quem tem obrigações e responsabilidade de prestar serviços totalmente

gratuitos é o *Hospital do Povo, de Esposende?* Mas então, porque é que o nosso hospital não tem mãos a medir? Por que será que a nossa taxa de ocupação é altíssima? Será que se esquecem que até a filosofia da constituição se alterou de «Saúde gratuita» para «tendencialmente gratuita»? Como é possível ter meios de diagnóstico actualizados sem ninguém pagar? O dinheiro é caro. Não cai do céu nem nós fazemos milagres.

Já atrás dissemos que a *urgência; o internamento em enfermaria e a obstetrícia são totalmente gratuitos*, quando em regime geral. Não nos referimos à consulta de clínica geral onde todos pagam uma taxa obrigatória.

A sua pergunta inicial é uma das perguntas em que o «diz-se» não me parece (*nem é*) uma afirmação séria, só porque foi usada num cartaz de carnaval. Apenas, e em síntese, me sugere dizer o seguinte:

- 1.º — Respeitamos os acordos firmados.
- 2.º — Respeitamos os irmãos a quem prestamos contas e procuramos não trair a confiança que em nós depositaram.
- 3.º — Procuramos não dar a satisfação aos nossos «inimigos» de nos verem obrigados a fechar as portas ou a mendigar esmolas.
- 4.º — Quando é caso de pagamento de «taxas» ou cobrança de serviços, *posso provar que cobramos menos do que dispêndemos com os mesmos.* Sinceramente, não vejo solução com alternativa e não creio que os amigos de Fão, em geral, e os amigos do Hospital, em particular, preferissem que encerrássemos os serviços.

FUTURO INCERTO

N.F. — *Que futuro, a curto e médio prazo, para esta instituição? Sobre tudo depois da «restauração» do Hospital de Esposende?*

PROVEDOR — O futuro a curto e médio prazo está mais que garantido. Sempre com problemas e dificuldades mas alicerçados em bases seguras e sólidas, nomeadamente em relação ao Lar e Creche Jardim Infantil.

Quanto ao hospital, desde que se mantenham dois factores primordiais, o panorama é o mesmo, apesar das dificuldades serem maiores e diversificados, algumas estranhas à vontade da Mesa administrativa. Que factores? A componente humana

e o investimento estrutural e tecnológico. A fama e procura dos serviços do Hospital devem-se essencialmente à pleiade de médicos que compõem o Corpo Clínico. Enquanto eles quiserem e estiverem dispostos a colaborar com o nosso Hospital, não há problemas. *Médicos desta estirpe já não há!*

E DEPOIS?

Quanto ao «restauração» do Hospital de Esposende, achamos muito bem. Somos a favor de todas as medidas que visem melhores condições para quem necessitar de cuidados de saúde. Por outro lado, será óptimo porque dois hospitais a trabalhar nas mesmas condições, nos mesmos moldes, dará maior e melhor possibilidade de escolha. Só que, há sempre um senão, apesar de todas as garantias, por quem de direito. Não acredito que sejam dadas as mesmas condições de trabalho a ambos os lados. Sinceramente, já estamos escaldados e seria bom demais que tal acontecesse. Senão vejamos: a *«Santa Câmara» nunca teve um tostão para obras e ampliações no Hospital de Fão.* Hoje, por «nuances políticas» comprometera-se a dar cerca de 25.000 contos para restauro do Hospital de Esposende que, após as obras, pensamos irá trabalhar nos mesmos moldes ou condicionalismos do nosso hospital. Ou será que não? Embora não seja problema nosso, face a atrasos de pagamentos por parte do Estado, como pagará aos fornecedores? É que são atrasos de vários meses! E se até aqui todos os serviços eram gratuitos, como mentalizar os utentes a pagar algumas taxas?

Enfim, são pormenores que não nos dizem respeito, mas que gostaríamos de tratamento igual, por parte da Câmara Municipal, lá isso é verdade. Só que em quinze anos à frente da Santa Casa da Misericórdia de Fão nunca vimos um tostão para obras, isso também é uma verdade indelmentível.

Em síntese: — O futuro a deus pertence. A nós compete-nos trabalhar para que ele seja o melhor. Antes da restauração do edifício do Hospital de Esposende, construíram a Clipóvoa; construíram um novo hospital em Viana do Castelo, nós já existíamos. Entretanto, mais virão e esperamos cá continuar.

Apenas uma preocupação nos mantém atentos: *exigir* até ao limite das nossas forças igualdade de tratamento. Não aceitamos pacificamente, como costumamos dizer, ser tratados como os «filhos da outra» ou enteados. *O Hospital de Fão tem feito tudo para merecer a maior consideração dos sectores responsáveis e não queremos admitir, sequer, outro tratamento que não seja justo.* Ainda há bem pouco tempo nos visitaram vários ministros e ex-ministros, simultânea e separadamente. Qualidade, Competência, Humanidade, Responsabilidade. São estas as respostas que procuraremos dar com a prestimosa colaboração (a mais importante) dos médicos, enfermeiros e todo o restante pessoal.

(Continua no próximo número)

EM LONDRES

Para actuar no consulado de Portugal em Londres, a propósito do Dia de Portugal que se celebra no dia 10 de Junho, deslocou-se à Inglaterra, para assinalar esta efeméride, o nosso assinante Albano Silva.

Já actuou no Rio de Janeiro, tem contrato para se xibir semanalmente no Café História, em Braga, tem sido chamado para cantar em outras cidades do Norte e em quase todas as terras do concelho.

Lenta mas seguramente o nome de Albano Silva vai-se impondo nos meios artísticos tanto em Portugal como do estrangeiro.

Quem o ouve não dá por mal empregue o dinheiro que esportula para assistir às suas actuações.

TRIÂNGULO JOTA

UMA COLEÇÃO NOVA
PARA GENTE NOVA



EDIÇÕES ASA



PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Enfim, o tempo de descanso! Compensação merecida e necessária ao fim de um ano de labuta. Oxalá que os resultados escolares tenham sido favoráveis. E, para todos, umas boas férias!

NASCE UM POETA

Por MARTA (13 anos)

Mais um, de muitos feixes de luz do sol, penetrava por uma frincha e dava vida às velhas tábuas das escadas.

Mais um, dos muitos homens que as desceu, passou sem reparar na beleza desse facto, que é realmente belo pois transforma completamente e velha madeira partida, apodrecida a velha, que apodreceu com o tempo e que já foi um corpo vivo, mais digno de viver do que esses homens que o calcam e pisam, depois de lhe arrebatarem a vida.

Mas eis que um dos distraídos que descem as escadas velhas da velha casa lhes atira, com desprezo, um papel de rebuçado.

Mais tarde, quando o rapazinho calado e fechado sai para o seu trabalho, escorrega no papel e cai sentado num degrau, apanhando em cheio nos olhos com o único e persistente feixe de luz que aquecia as escadas. E foi o primeiro a reparar na alegria que essa luz incomoda lhes emprestava, sem dar ouvidos às gargalhadas das vizinhas, que varriam as entradas das suas casas.

E essas gargalhadas redobram quando vêm o rapaz tirar um papel da pasta e uma caneta, começando a escrever, a escrever desenfreadamente, como um louco, numa necessidade súbita e vital. E, julgando-o doido, dando a última gargalhada, bateram as portas na face dessa cena ridícula.

Mas quando o suposto doido acaba de escrever, se põe em pé e declama o seu pequeno poema em voz alta, todas as mulheres voltaram a abrir as portas para o ouvir e deixaram que leves sorrisos se apoderassem das suas bocas sempre abertas. O poema era belo, fazia sonhar, falava de coisas maravilhosas, sobretudo em Esperança, Renascimento, Milagre.

E o rapaz, que era carrancudo e triste, saiu para a rua com uma alegria imensa, que lhe deu novo brilho ao olhar e lhe emprestou confiança e determinação para enfrentar o mundo das pessoas, e para receber com agrado o vento agreste que todos destestavam.

PAUSA PARA SORRIR

Um aviador gostava de acrescentar episódios fantásticos às narrações das suas viagens. Um dia contou esta:

— Uma vez subi tão alto, que cheguei ao Céu. São Pedro veio receber-me e disse:

«Como foi amável em vir cumprimentar-me!

— Senhor São Pedro, não me agradeça — respondi. — Se eu ainda tivesse gasolina para regressar à terra, tinha passado sem lhe dizer nada...

★

O patrão, não encontrando o seu barómetro, chama a empregada doméstica:

— Ó Maria, venha aqui, faz favor.

— O Senhor chamou?

— Chamei, sim. Viu o meu barómetro?

— Ah! Vi, sim senhor. Como tenho ouvido o patrão dizer que quanto mais alto está o barómetro melhor é o tempo, e como sei que o patrão hoje vai sair, fui pô-lo no sótão!...



AMIGO

*Semente plantada em todos nós
Canteiro onde a Amizade
Nasce como uma flor.
Barco que rodopia nas nossas vidas
Como um vaivém que procura vir e ficar.
— Não será semente também plantada
por nós?
— Não queremos ser também jardineiros,
nesse jardim?...*

*Amigo — que lindo nome
Tu gostaste de escolher!
O meu nome é Amizade
Que se dá para valer!*

CLARA

RECONCILIAÇÃO

*Se soubesses as lágrimas que chorei
A amargura que se me desfez
A coragem que ganhei
A vontade de viver outra vez.*

*Neste dia de arrependimento
Deixai-me ser feliz
Perdoai-me o vosso sofrimento
Prometo pôr os pontos nos ii.*

*Estou aqui para agradar
Para tornar o bom ainda melhor
Venham meus amigos festejar
Vamos, vamos viver em amor.*

*Já não sou quem era
Mudei todo o meu ser
Hoje começa a Primavera
Façamos algo para conviver.*


*O sol deste dia
Que seja quente
Desejo-vos felicidade e alegria
Tornai o que é mau diferente.*

*Há na terra simpatia de um amigo
O sol da esperança
Sempre que quiseses conta comigo
dar-te-ei uma lembrança.*

*Vou desejar-vos boa sorte
Muito obrigado pela atenção
Por favor ainda não me corte
A luz e som do meu coração.*

RUI ARMANDO VIANA

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE:

impetus 

Agora É Fácil!

Agora pagar a conta da luz ainda é mais fácil.

Receberá a factura no local que mais lhe convier, podendo pagar através do Multibanco, nas estações e postos



de cobrança dos Correios, nos agentes autorizados e, claro, aos balcões da EDP.

E se pagar por transferência bancária fica isento de caução. Agora ainda é mais fácil!

NO DISTRITO DE BRAGA, MONDIM DE BASTO, PÓVOA DE VARZIM E ST.º TIRSO FAÇA A MELHOR OPÇÃO



DE APÚLIA

NECROLOGIA — Faleceu, no lugar de Criez, em 23 de Maio último, a senhora Ana Gonçalves de Cruz, solteira, nascida em 13/05/912. Era filha de Teodósio Gonçalves da Cruz e de Maria Gomes Tomé.

— No lugar da Igreja, em 21 do pretérito mês de Junho, e depois de prolongada enfermidade, faleceu a senhora Olívia Gomes de Sá Eiras, nascida em 27/08/907. Era viúva de Armindo Fernandes Eiras e filha de José Ferreira de Sá Eiras e de Luísa Joaquim Gomes.

BANDEIRA AZUL — A praia de Apúlia ostenta novamente, este ano, a bandeira azul, o símbolo de qualidade de que muito poucas, em todo o Norte do País, se podem ufanar.

As regras para a concessão deste símbolo são rigorosas, e não só no que respeita à poluição da água do mar. Também conta a qualidade dos acessos, a limpeza da praia e o nível de poluição sonora.

Não tivessem acabado com o ruído da feira, e Apúlia passaria a ver a bandeira azul por um «canudo».

VERANEANTES — Parece-nos menor, em relação aos últimos anos, a frequência neste mês, de veraneantes na nossa praia.

Mas isto também pode ser uma falsa questão, pois ainda estamos no segundo dia do mês, e as aulas ainda não acabaram para muitos estudantes, e estes e os seus familiares mais próximos, não irão para veraneio enquanto não tiverem os seus problemas escolares resolvidos.

Mas a proibição de campismo em certas zonas da praia também pode influenciar esta menor afluência (aparente?) de banhistas deste mês de Julho.

SOLIDARIEDADE — A notícia, trágica e fria, veio nos jornais. «Mulher assassinada à queima roupa, e filha baleada, no pinhal junto a Fão». O móbil do crime não foi o roubo, porque a vítima, Maria do Carmo Carneiro da Silva, ainda tinha as pulseiras e os anéis...

As pessoas lamentavam aterrorizadas. Como foi possível um crime assim, em pleno dia, tão perto da povoação, à entrada de pinhal pejado de pessoas, a cinquenta metros da estrada, e ninguém ver?... Como foi possível tanta cobardia, tanta sanha e tanta crueldade?... As duas senhoras, indefesas, mãe e filha, de 44 e 16 anos de idade, que muito naturalmente se defenderam mutuamente dos instintos selvagens do assassino!... E a mão do tresloucado (que se saber ser jovem e alto, mas de quem se não conhece a identidade) não tremeu, porque os tiros foram certeiros. A mãe morreu logo, e a filha — Sónia Maria Solinho da Silva — só por milagre escapou, com duas balas na face e no pescoço.

A iditosa Maria do Carmo, era esposa do apulense Manuel Gomes Lopes da Silva, marido e pai exemplar, educado, respeitador, respeitado.

O destino decretou a morte trágica da esposa. Como o destino tem sido cruel para este homem!!!...

Os sentidos pêsames deste jornal e do responsável por este apontamento.

VERDADES... OBJECTIVAS — O homem é um ser insatisfeito, inacabado. Nunca se realiza, nunca se completa, nunca se satisfaz. Quer sempre mais e melhor. Para si, para os seus, para a sua comunidade, se é bem formado. Pede, reivindica, exige. De si e dos outros. Só que exige sempre mais dos outros do que de si próprio. Quase sempre por egoísmo. E, como ser inteligente, foge sempre de tudo que mais directamente respeita à comunidade. A não ser que o porão tenha muito trigo... Há excepções, claro. E ainda em grande número, felizmente. Mas esses, e só esses, é que têm envergadura moral para dizerem como o poeta «sou dos que podem atirar algumas pedras». Os outros, os que nunca fizeram nada para interesse da sua terra ou do seu semelhante, deviam ser mais comedidos, mais sensatos, no avallar das situações. Criticar, por criticar, é fácil, e cómodo, sobretudo quando se faz nas costas dos visados.

Por muito que se faça, fica sempre muito por fazer. E há pessoas que jogam com isso. E têm sempre razão!...

Fala-se muito na Autarquia local. Que não faz nada, que não «tapou» o despejo de águas porcas para a via pública de determinado comerciante; que permitiu a outro «armar» a tenda pública; que consentiu na demarcação das dunas de «Cedovem» e das «Pedrinhas»... Tudo serve para animar a cavaqueira de alguns lugares públicos.

Curioso, é que alguns são os mesmos que entendiam que devia ser feita alguma coisa para salvar o que resta daquelas dunas, que agora acham mal a tentativa, que não vai passar disso mesmo, porque ninguém respeita na-

da nem ninguém, para evitar a sua completa destruição; que alguns são os mesmos que criticaram a proibição da «feira», de dezenas de barracas na via pública, e agora se ebismam com a exposição-feira, sem barraca, em lugares privados. Os exemplos, se interessassem para aqui, seriam muitos e bem ilucidativos das titudes um pouco injustas de alguns descontentes. Criticar, é um direito que assiste a todo o cidadão. Mas que se critique com coerência. Está mal porque colide com os nossos interesses, e está bem quando os interesses afectados são dos outros... Critique-se mas com autoridade moral e independência ideológica para reconhecer o que é bem feito e o que é de interesse para a comunidade.

E, depois, nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Não se terá feito muito (e aqui também a confirmação do axioma, «o homem é um ser insatisfeito»), mas alguma coisa já tem sido feita, e muitos, distraídos, nem deram por isso. Como por exemplo, a proibição do trânsito automóvel na zona da praia, a criação de passagens para peões, o ordenamento do trânsito em toda a zona da Areia, a suspensão da feira das quartas-feiras, no Verão, o arranjo do Cruzeiro e da sua zona envolvente, a construção do pontão do rio do Preto, larga e segura, a colocação de espelhos ovais (já são três) no cruzamento da Rua do Coito, em Paredes, com a Estrada Nacional 13, a lavagem da esquadra dos muros do cemitério, o alargamento e calçamento do Beco do Coito, em Paredes, a canalização das águas residuais e construção de passelo junto à escola do mesmo lugar, o calçamento e alargamento da rua junto ao campo de futebol, a criação de toponímia nos lugares de Criez e Paredes, etc., etc.

Tudo pequenas coisas, dirão os mais cépticos. E serão. Só que as coisas grandes sempre tiveram por suporte as pequenas coisas. Para se chegar ao alto do monte, tem de se começar por baixo. e nenhum exército pode ter generais, se não tiver soldados...

E estas verdades não são subjectivas...

DR. JORGE AREIAS

Regressado de Paris há pouco tempo, onde completou a sua especialidade em doenças do foro digestivo, este nosso prezado amigo e semi-conterrâneo (está casado com uma fangueira) voltou novamente à Cidade Luz desta vez para acompanhar uma doente do Hospital de Santo António para fazer um transplante do fígado. Foi utilizado um avião militar.

Nome já bastante considerado no meio clínico, o dr. Jorge Areias pertence também ao corpo médico do Hospital de Fão, honrando-nos com os seus préstimos.

BALANÇO ESCOLAR — O conselho escolar da Escola de Igreja n.º 4 de Apúlia-Esposende procedeu ao balanço da actividade desenvolvida na escola, durante o ano lectivo que agora finda.

Saliente-se o magnífico trabalho realizado com proeminência para a vertente Escola/Comunidade.

O desiderato cumpriu-se, com trabalho, criatividade, dinamismo; foram feitos projectos na sua maioria concretizados:

Assim, funcionou na escola uma turma de ensino pré-profissionalizante que permitiu a aquisição de novas aprendizagens, enfim, permitiu que alunos com currículos de insucesso fruissem novas formas de interesse e motivadoras.

Mas a grande vertente que ousamos destacar, relaciona-se com a implementação de uma cantina escolar, que funcionará no próximo mês de Setembro. Com esta infra-estrutura, por certo, iremos contribuir para a educação dos alunos nesta área tão importante, como seja a alimentação.

O insucesso escolar é uma «ferida aberta» que nos preocupa! Por isso esta iniciativa tem muito valor. Os hábitos alimentares da população escolar de Apúlia por vezes incorrectos serão certamente alterados, substituindo-os, por uma alimentação equilibrada, necessária para um bom crescimento e desenvolvimento das nossas crianças.

PELO CONSELHO ESCOLAR
MANUEL FERNANDO MORGADO CARVOEIRO (prof.)

CORREIOS DE FÃO

Num dos últimos números, o Farol de Esposende trazia uma notícia referente à Estação dos Correios de Fão. Que ia ficar sem carteiros. Que ia baixar de categoria. O alarme instalou-se entre os habitantes locais. O Posto da Guarda Fiscal encerrou. Agora a ameaça pairava sobre os Correios. Era de mais.

Informou-nos entretanto o antigo presidente da Junta, Luís Viana, que o problema já vem de longe, dos tempos do Carlos Mariz. É uma ameaça com poucas possibilidades de se concretizar, concluiu.

Entretanto entrámos em contacto com quadros superiores dos Correios. Afiançaram-nos que não há motivos para alarme. O movimento real da Estação dos Correios de Fão tem aumentado o que inviabiliza qualquer propósito de reduzir a sua classificação. Esperemos que sim.



O CHECK-UP COMPUTORIZADO PARA AUTOMÓVEIS

ALLEN FAZ DA SUA OFICINA

- UM LABORATÓRIO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA AVANÇADA.
- OFERECE AOS SEUS CLIENTES UM INCOMPARÁVEL SERVIÇO
- APROVEITE A ALTA TECNOLOGIA ALLEN E AUMENTE OS SEUS RENDIMENTOS.

ALLEN O SEU CENTRO DE DIAGNÓSTICO DE MOTORES

- CURSOS GRÁTIS DE FORMAÇÃO
- DIPLOMA DE TÉCNICO ALLEN

AS MELHORES CONDIÇÕES DE PAGAMENTO - CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST

ALTA TECNOLOGIA EM EQUIPAMENTO PARA GARAGENS

Visite as nossas Exposições

REIMELI

PORTO — RUA 5 DE OUTUBRO, 212 — TEL 69 61 05-69 10 18-6 37 48 — FAX 667385
LISBOA — RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 — TEL 759 72 04 — FAX 7597206

COOPERATIVA CULTURAL DE FÃO

Com um entusiasmo invulgar realizaram-se na sede da Cooperativa os festejos de S. João.

Festa rija e animada que atraiu muita gente e que sacudiu os ânimos dos fangueiros.

Durante uma semana a Direcção não se poupou a esforços para que a festa tivesse o êxito conseguido.

Casa bem arranjada, 3 salas com exposição de pinturas e desenhos dos alunos da Escola, o arraial no grande terraço bem decorado e iluminado, e um conjunto musical, muito animado deram à festa um ar alegre e festivo.

O cabrito assado foi muito apreciado. As fêveras desapareceram logo. Para os apreciadores havia a boa sardinha assada com broa e pimentos.

O vinho era à escolha e nada caro.

À sobremesa havia as afamadas clarinhas e pratinhos de arroz doce.

A bicha para a caixa, para levantar a paparoça, não era pequena.

O caldo verde estava um regalo. Parabéns a todas as «cozinheiras».

O serviço de bar esteve à altura da festa.

Antes do bailarico, houve a venda dos cravos com as respectivas quadras que ainda rendeu umas patacas. Depois foi a festa. Tudo dançou. Novos, velhos, crianças, tudo deu ao pé.

Terminou com uma marcha, que não se pôde expandir mais, por falta de espaço. Quem quis saltar à fogueira também teve ocasião, bem como de contemplar a cascata feita pela juventude.

Parabéns à nova Direcção.

Ferindo a sua modéstia, quero aqui referir o auxílio do sr. Duarte, que, mesmo sem poder fazer grandes esforços, esteve sempre presente em todas as alturas.

O agradecimento da Cooperativa a todo o auxílio prestado pela Junta e pelos Bombeiros.

Tenha a certeza que, com todos de mãos dadas, iremos muito longe com esta Cooperativa...

Ela ainda vai dar muito que falar...

Até breve.

CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM

AGRADECIMENTO

As professoras da Escola n.º 1 de Fão, em nome dos seus alunos, agradecem reconhecidas às entidades e empresas que custearam totalmente as despesas do Passeio de Estudo a Lisboa, e que passam a mencionar: Câmara Municipal de Esposende, sr. António Sá Pereira, C. P, Figueiredo & Mariz, Julietta Dias, Carper, Lavandarias Mónica, Irmãos Carlos, Carmen Confecções, sr. Manuel Nascimento Júnior, Martex, Agros, Texalves, D. Madalena Priegue, Panificador Sul do Cávado.

Dirigimos especial agradecimento ao sr. António Sá Pereira que, para além do seu significativo apoio financeiro, nos rodeou de particular carinho e atenções e também ao fangueiro dr. Alfredo Coelho pela sua interferência junto da C. P.

Devemos mencionar ainda a colaboração do «Mini Mercado de Ofir», da «Ourivesaria Doral», de «A. Santos & Filhos», da «Sapataria Mibel» e da «Casa Celeste» com a oferta dos brindes para o sorteio, a daqueles que compraram os respectivos bilhetes, bem como a de alguns Encarregados de Educação que de forma particular nos manifestaram o seu interesse, apoio e carinho.

A V. Ex.a, sr. Director, endereçamos igualmente os nossos agradecimentos pela forma como valorizou a nossa realização.

A todos o nosso muito obrigado.

A Directora

Maria José Borda Rodrigues

SILÊNCIO

*O silêncio sentou-se a meu lado
E eu fiquei pensativo a lembrar
Uma infância feliz no passado
Com berlindes, piões e luar.*

*Solidão benfazeja e bendita,
Pois me trazes a luz desse além,
Essa vida feliz, só escrita
Com palavras de amor e de bem.*

*Só é pena, nem sempre escutar
Essa voz que ciciza à distância...
Só é pena, nem sempre levar
a pureza e candura da infância.*

DINIS DE VILARELHO

O MUNDO EM QUE VIVEMOS

por E. REAL

TRÊS MÃES

Foi no Dia da Mãe. No corredor espaçoso e quase deserto de um centro comercial um jovem casal treinava o seu menino, ainda hesitante nos passinhos mal seguros. O pai, curvado para ele, falava-lhe junto ao rosto, incitando-o; a mãe, mais além, acocorada no chão, estendia-lhe os braços, chamando-o com imensa ternura. O bebé decidiu-se. Em passos miudinhos, receosos, transpôs a distância e foi aninhar-se nos braços que, amorosos, se fecharam sobre ele. Ali ficou, a cabecinha apoiada no peito materno, refúgio seguro que o protegia daquele mundo grande que lhe fazia medo. a mãe beijou-lhe de leve o cabelo e ergueu-se com o menino ao colo. O pai aproximou-se, colocou a mão no ombro da mulher-Mãe e juntos saíram para a luminosidade exterior que os envolveu, até que os seus vultos se diluíram na distância.

★

Há também pouco tempo, num carro estacionado e fechado, na cidade do Porto, um bebé de poucos meses gritava aflitivamente. Estava só. O seu choro atraía a atenção de um agente da P.S.P., que tentou localizar o condutor do veículo. Encontrou-o. Era uma mulher, a mãe do pequenino. Interrogada, explicou ao agente da autoridade que tinha saído do carro para ir jogar Bingo e que, com o entusiasmo do jogo, se tinha esquecido... do filho!

★

É um casal que não tem, nem pode ter, filhos. Quando adquiriu essa certeza, a primeira ideia foi adoptar uma criança a quem pudessem dar a ternura, o amor, a dedicação que tinham guardado para o filho que não tiveram.

Souberam, então, de um menino, há meses abandonado na ama, pois a mãe, mulher de vida irregular, deixara de aparecer para pagar a mensalidade combinada. Foram vê-lo. O ar triste e sério de «homenzinho» precoce — ainda não completara 3 anos — comoveu-os. Os olhos azuis, pisados, exprimiam um desespero do apelo. Trouxeram-no. Já em casa, a «mãe» foi dar-lhe banho e chorou sobre o corpinho nu e mártir do pequenino, todo coberto de feridas e hematomas.

Junto ao tornozelo direito, uma «pulseira» de carne viva, proveniente do cordel com que a ama o prendia ao pé de uma cómoda.

Os cuidados de um bom clínico, mas acima de tudo o carinho daquela autêntica mãe, fizeram o milagre de uma recuperação total.

Hoje, corre, livre e feliz, à volta das saias da «mamã», os ferimentos cicatrizaram — na alma e no corpo — e os lábios outrora pálidos e cerrados têm hoje mais cor e entreabrem-se, finalmente, para aprender o jeito de sorrir.

★

Dado o facto de ainda não ter passado muito tempo sobre o Dia da Mãe, aqui deixamos três perfis de mulheres-mães, ou biológica ou afectivamente.

Mais que não seja, como tema para reflexão, sobre a criança. E sobre os caminhos difíceis do amor e do desamor, do aconchego ou do abandono.

Optica
Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

BRAGA

GABINETE DE CONTACTOLOGIA

SEDE: Rua da Misericórdia, 6 - 12 - Tel. 75777

FILIAL: C. C. Granjinhos, Loja 518 - Piso 2 - Tel. 612933

4700 BRAGA

ÁFRICA, ADEUS

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

O número anterior publicado foi o dezanove quando devia ser o 17. É pois este o número que hoje se pode ler.

Do lapso pedimos desculpa aos nossos caros leitores e ao autor do texto.

A coluna pôs-se novamente em marcha em direcção a Vista Alegre. Mal tínhamos percorrido uns escassos seis quilómetros quando, de repente, irrompe do interior do capinzal um homem. A primeira reacção foi apontar as armas, mas logo uma voz se fez ouvir: «É o Neca! é o Neca Nunes». Todos correram a abraçá-lo. «O pai, o irmão do Sebastião e todos duma maneira geral?» perguntaram. «Onde está o resto da família?»

«Estão mesmo aqui em baixo da mata», respondeu o Neca, ao mesmo tempo que a voz da senhora se fez ouvir do interior da mata, chamando pelo marido. As crianças, as filhas do Sebastião também chamavam pelo pai.

Todos corremos para lá, uns pegaram nas crianças ao colo, outras ajudaram a senhora que sendo muito pesada, tinha grandes dificuldades em subir a ladeira para alcançar a estrada.

Foi uma cena dolorosa, o marido abraçado à esposa com os olhos cheios de lágrimas, o Sebastião abraçado aos filhos. Era um espectáculo comovente. Ao mesmo tempo todos estávamos satisfeitos por termos salvo aquelas vidas.

Todos procuravam no seu farnel o que de melhor possuíam para oferecer. alguns traziam bolachas que entregavam às crianças e que estas devoravam com sofreguidão. Os adultos agarraram-se a uma perna de frango ou a um naco de carne, pois há três dias que não tinham tido uma refeição. Comiam o que a floresta lhes podia oferecer, sobretudo frutas. Caça não podiam abater sem correrem o risco de se denunciarem e até porque não a podiam cozinhar sem que fossem localizados.

Depois de uma pequena pausa, depois de estarem completamente saciados da fome, o Comandante dirigiu-se ao Edmundo Nunes:

— Sr. Nunes, o melhor é o senhor regressar a Luanda com os seus familiares, visto não estarem em condições de nos acompanharem. Vocês com as armas que têm não deve haver problema.

O Edmundo Nunes concordou, mas dirigiu-se ao seu filho nestes termos: «Sebastião, eu sigo para Luanda com a família mas tu ficas e acompanhas esta gente a procurar mais brancos».

Ajudámos a senhora a entrar no carro, pusemos as crianças na caixa de carga, os homens com as armas subiram para cima e pouco depois o carro partiu em direcção

a Luanda. Todos ficámos de olhos fitos na viatura até esta se perder no horizonte. A moral agora era mais elevada. Todo aquele sacrifício tinha valido a pena. Doze vidas salvas era um prémio tão grande que agora os sacrifícios nos pareciam insignificantes.

Era um estímulo para continuarmos aquela cruzada cuja finalidade era arrebatrar vidas das garras sanguíneas do racismo negro.

Seguímos novamente em direcção a Vista Alegre, perto do Povo Kambege. Uma viatura militar tomou a dianteira como precaução e em boa hora o fez, pois de repente surgiu um bando de facinoras no meio da estrada de catanas em punho gritando: «UPA-LUMUMBA». Os militares dispararam uma rajada de metralhadora e outras se lhe seguiram. Diversos malfetores caíram e os restantes puseram-se em direcção à mata, sempre perseguidos pelas balas dos brancos. Pouco depois o tiro cessou. Os brancos desceram das viaturas e, a pé, de arma em rispe, foram-se aproximando do local, onde jaziam no solo para cima de uma dúzia de corpos.

Foram arrumados para a berma da estrada para dar passagem aos carros que iam passando, um a um, enquanto civis e militares faziam guarda.

Depois de todos os carros terem passado, houve uma pausa para que todos subissem e tomassem os seus lugares. Novamente a caminha de Vista Alegre, teríamos que atravessar o Povo Kambege, que certamente não nos facilitaria a vida.

Foram tomadas todas as precauções. Quase todos, ao entrar no Povo, desceram dos carros e caminharam, a pé, ao lado dos carros e com as armas prontas a disparar. Mas desta vez o Kambege parecia estar deserto. Assim pudemos continuar viagem sem mais incidentes até Vista Alegre. Aqui tudo parecia estar como tinha ficado na véspera. Aparentemente ninguém lá tinha ido. Os mortos que na véspera tinham ficado aqui e ali, lá continuavam nos mesmos lugares.

Era preciso arranjar maneta de enterrear aquela gente.

(Continua)

Bodas de Prata

No dia 7 de Julho fez 25 anos que abriu em Fão a Pastelaria Pã-Pã.

Foi na altura um acontecimento. Era aí que toda a população acorria quando precisava de qualquer especialidade.

Aos seus proprietários, parabéns e muitos êxitos futuros.

CECÍLIA AMORIM

CASA DA SORTE INFORMA

Que nomeou seu agente na VILA DE FÃO o sr. João da Silva Baptista Bezerra.

SNACK-BAR SPORT

Rua Azevedo Coutinho, n.º 8

A querida D. Constança

— Quanto quer por aquele quarto que tem papeis para alugar?

— Duzentos e noventa escudos. É pegar ou largar.

— Caramba! Não é preciso falar assim.

— Não é caboverdiano?

— Por acaso, não. Sou minhoto e do melhor quilate.

— Bem então a conversa é outra. São duzentos e sessenta.

Naquela altura — já lá vão mais de trinta anos — a diferença, isto é, 30\$00 por mês, era muito dinheiro, e assim alugámos o nosso último quarto em Coimbra.

Instalámo-nos confortavelmente, ou seja, de acordo com as nossas exigências, e automaticamente passamos a ser membro (no sentido, rigoroso do termo) da família da D. Constança de Almeida, moradora da Couraça de Lisboa em Coimbra. Um tanto intigrado, perguntámos-lhe o porquê da pergunta se éramos de Cabo Verde. A resposta não podia ter sido mais explícita: «tive aqui um caboverdiano e pregou-me um grande calote».

Nesse tempo estávamos proibido de tomar café e como ainda não havia descafeinado, fomos p'rá infusão feita com grãosmiúdos derivados das plantas monocotiledóneas da família das Gramíneas (vulgo: cevada). Pois a dona de casa passou a ter, exclusivamente para nosso uso, a dita zurrapa que ela preparava a qualquer hora do dia ou da noite, sempre que franqueássemos a cozinha. Escorria depois uma longa ou pequena conversa que começava e acabava com uma chícara da dita cuja que, feita por ela com tanto carinho, até nos sabia bem.

Uma nota de ternurice: depois de deixarmos a Universidade, ela mantinha sempre em casa uma embalagem da mesma para os dias que lá fôssemos visitá-la: a princípio com mais frequência (não podíamos passar mais de quinze dias sem ir vê-la) depois mais compassadamente, de mês a mês, depois de ano a ano, e ainda depois definitivamente, deixámos de lá pôr os pés, sobretudo a partir da altura em que a auto-estrada pôs à dezamão o saudoso burgo universitário. Foi a dialética da vida a impôr-nos ritmos diferentes na nossa existência. Ao fim e ao cabo, uma ingratidão!

Exigências de habitabilidade levavam a família Almeida (era o nome do marido) a transferir-se para a Rua Alexandre Herculano, mas nós durante alguns anos, não deixámos de ir lá oferecer-lhe os pasteizinhos da praxe.

Vamos entretanto regressar aos tempos de estudante e de morador da Couraça de Lisboa. A propósito quem vivia também nessa rua, mas numa casa em frente, era o eng. Zé Areias.

Se um dia aparecêssemos doente, a D. Constança desdobrava-se em enfermeira, em médica, em dona de casa, e mamã também e, por mor disso, não havia doença que lhe resistisse. Excomungava-a de pronto.

Houve uma fase em que manifestámos o desejo de termos no quarto, à noite, uma chávena de leite e um punhado de cerejas. (Vá lá uma pessoa entender os escaninhos do ser humano!). Pois D. Constança, nos meses das cerejas, lá ia depositar um pratinho com essa deliciosa fruta, mais uma garrafa-termo, e ainda um pãozinho p'ró que desse e viesse.

Infalivelmente, às oito da manhã, levávamos o pequeno almoço ao quarto.

Ela delirava quando descobria que fâmos para uma serenata o que era fácil de adivinhar

(Continua na pág. 10)

OUTRO ASSASSINATO

E também com a brutalidade do crime anterior, ocorrido há um ano e pico, no edifício onde o Miniguinhos tem a sua loja.

No dia 24 de Maio uma conterrânea nossa, Maria do Carmo Carneiro da Silva, dirigia-se para a Apúlia, de bicicleta, seriam 15 horas. Acompanhava-a uma sua filha, Sónia Maria Solinho da Silva. Para chegarem mais depressa, seguiram por um atalho, paralelo à estrada da Bonança.

Nisto aparece-lhes pela frente um indivíduo que as manda ir para o interior do pinhal. Vendo que o assaltante tinha uma pistola e tentava agarrar a filha, a mãe começou a gritar e logo o facinora lhe desfechou um tiro à queima-roupa que lhe entrou pelo queixo e ficou alojada no cérebro. Teve morte instantânea.

De novo o facinora dirige-se para a sónia tentando despi-la, mas esta opôs-se tenazmente. Levou por isso dois tiros na cara que não lhe causaram a morte por uma sorte incrível. Teve ainda forças para vir pedir auxílio ao lugar dos Lírios. Acorreu gente, compareceu a G.N. Republicana e logo a seguir a Polícia Judiciária de Braga.

O homicida que ainda fez uma última tentativa para forçar a jovem sónia, afastou-se a seguir do local, levando consigo uma bicicleta que abandonaria pouco depois.

Levada para um hospital do Porto, a mocinha fangueira encontra-se livre de perigo e já contou aos investigadores tudo o que se tinha passado, inclusivé os traços fisionómicos do assaltante. Era alto, de cabelo ondeado e moreno.

Curiosamente um indivíduo com as mesmas ca-

racterísticas tentou assaltar outra jovem conterrânea, Deolinda Dias Ferreira, às cinco da manhã do dia seguinte, enquanto esperava, junto ao Ramalhão, a carrinha da fábrica.

O povo de fão sente-se revoltado e desejoso de deitar a mão a este violador sanguinário, psicopata altamente perigoso, para quem a vida de uma pessoa vale menos que um copo de água. Nestes casos, e Deus nos perdoe, o linchamento seria a medida mais eficaz. Vivo e à solta, constitui uma ameaça permanente para a sociedade.

É importante, é urgente que a G.N.R. de Espo-sende percorra com mais assiduidade aquela zona e que interroge e identifique todas as pessoas suspeitas e estranhas à região. Não adianta nada, depois de a casa ter sido roubada, pôr trancas atrás das portas.

Este horroroso assassinato vem mais uma vez dar razão aos fangueiros que desde há muito vêm reclamando para a terra um posto da G.N.R.

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO

No próximo sábado desloca-se a Espo-sende o Ministro Adjunto e da Juventude, eng. Couto dos Santos, ilustre forjanense, para entre outras coisas assinar o contrato-programa com vista à construção do pavilhão gimnodesportivo de Fão, que será construído nos terrenos que a Junta adquiriu junto ao campo de futebol. Na mesma altura, será entregue à autarquia fangueira uma carrinha de 9 lugares.

É provável que assista também no sábado ao assentamento da 1.ª pedra da Pousada da Juventude.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE FÃO

Elementos estatísticos - 1990

Movimento de internados — Valência/especialidade — Medicina interna, 214; Psiquiatria, 31; Cirurgia geral, 435; Ortopedia, 38; Ginecologia, 85; Obstetrícia, 441; ORL, 236; Oftalmologia, 124; Urologista, 91. Total 1.695. *Serviços de urgência*, 3.529. *Movimento de nascimentos* — Sexo masculino, 198; sexo feminino, 190. Total 388. *Serviços de consultas externas* — Especialidade — Cardiologia, 168; Cirurgia geral, 1170; Dermatologia, 450; Estomatologia, 721; gastroenterologia, 89; Obstetrícia, 2244; Oftalmologia, 1078; Ortopedia, 950; ORL, 1350; Pediatria, 330; Pneumologia, 33; Psiquiatria, 430; Urologia, 459; Clínica geral, 4609. Total 14.101. *Serviços complementares de diagnóstico* — Exames radiológicos, 1.687; Exames endoscópicos, 369; Electrocardiogramas 1.672; Exames ecográficos, 1.305. *Actos de terapêutica* — Transfusão de sangue, 92.

A QUERIDA D. CONSTANÇA

(Continuado da pág. 9)

pois nessas noites vínhamos a casa enfiar a capa. Assunia ao corredor e logo nos dizia: «sr. dr., hoje vamos ter cantoria...» A propósito do tratamento de *dr.*, nesse tempo qualquer bicho careta que aparecia em Coimbra era logo tratado por esse *sobriquet*. Até os futricas eram assim designados. Conta-se que um dia um sujeito qualquer perguntou ao engraxador que lhe estava a limpar os sapatos onde era a R. da Sofia.

O graxa, muito a sério, perguntou-lhe:

— O sr. dr. sabe ler? olhe, então por aí abaixo, etc.

É claro que sempre que seneratávamos (o vocábulo tem a nossa patente) fazíamos questão de vir cantar (o Sacadura e o Branquinho) à porta da nossa anfitriã, o que deveras deliciava a ela e a todos os vizinhos. Havia uma ruela estreita e alta, a trav. da Couraça de Lisboa e aí as vozes adquiriam uma ressonância espectacular.

Foi nesse local que dedicámos, nas vésperas da nossa formatura, uma serenata aos nossos familiares e amigos entre os quais o nosso saudoso prof. Pio Rodrigues que expressamente convidámos pra esse acto e que teve a gentileza de aceitar.

A vida de estudante tem um fim e nós chegámos ao término dos estudos. Optámps pela carreira docente e assim fomos colocado em Oliveira de Azeméis. Despedimo-nos de véspera dos nossos anfitriões e subimos para o quarto. Tínhamos que levantar cedo, aí pelas seis horas, mas não dissemos a ninguém. Era demasiado cedo. Pois às seis da manhã, lá nos aparece a D. Constança com um pequeno almoço à inglesa. Como ela soube a hora, nunca o descobrimos. Solicitamente arranjou-nos a mala — nunca tivemos jeito para isso — e acompanhou-nos até ao táxi. Foi como se fôramos um filho predilecto.

Entretanto os anos foram passando e as visitas foram rareando como já o lembrámos. A imagem da D. Constança contudo permaneceu sempre em nós como uma lembrança muito querida.

Até que há dias um amigo nosso nos perguntou se, como antigo estudante de Coimbra conhecíamos alguma casa para aí alojar a filha. Lembrámo-nos da casa da R. Alexandre Herculano, mas sem muita certeza se a locatária estaria ainda viva. Fizemos-lhe um desenho para localizar a casa, pois nós tínhamos esquecido o número. A coisa ficou por ali.

Passada uma semana apareceu-nos o referido amigo dizendo que tinha dado com a casa. Já nem nos lembrávamos. Procurou aquela que julgava ser a casa indicada, subiu ao 3.º andar e tocou uma campainha ao calha. Aparece-lhe uma senhora idosa, bom ar, mas um tanto desconfiada.

— Eu procuro uma senhora chamada Constança.

— Sou eu.

— Olhe, eu sou amigo do dr. Saraiva e procuro um quarto para uma filha.

— O dr. Saraiva? Oh, faz favor de entrar. os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. Quis saber tudo se nós. Falou com saudade dos bons belos tempos.

Tão comovida se revelou, que o amigo Sampaio prometeu-lhe que nos levaria lá. E nós fomos. Com muita emoção caímos nos braços um do outro. Está viúva. Tem 86 anos, mas ainda riginhos. Nós ainda moramos na sua memória e no seu coração. É sem dúvida a nossa mais importante referência dos tempos de Coimbra. Por muitos anos, querida D. Constância.



FOLHA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA DA BATATEIRA

Por motivos alheios à nossa vontade não foi possível inserir no último número esta FOLHA AGRÍCOLA.

Dada a regularidade com que ela tem saído desde o n.º 49 deste jornal, algumas pessoas chamaram-me à atenção para a anomalia verificada. Do facto pedimos imensa desculpa aos nossos fiéis leitores.

O COORDENADOR

Voltamos de novo ao contacto com os Senhores Agricultores para dizer algo mais sobre esta cultura, sobretudo, sobre dois pontos que consideramos de bastante interesse, que são as doenças e pragas que mais problemas causam a esta cultura.

Fazêmo-lo mais uma vez por estas razões e além disso porque quando no ano transacto tratamos estes temas já foram, numa fase bastante adiantada ou alguns casos com as suas maturações e arranques já feitos.

Assim, vamos começar por fazer algumas considerações sobre DOENÇAS:

A) PROVOCADAS POR FUNGOS

1) Míldio da batateira — Sem dúvida alguma a doença que mais preocupa-

ções causa ao agricultor é aquela que tem sido sujeita, pela sua importância e por se encontrar espalhada por todo o lado, a maiores estudos. É provocada por um fungo — *Phytophthora infestans* (Mont) de Bary — de que se conhecem mais de dez raças diferentes. Este parasita não ataca apenas a batateira mas também outras espécies da família das Solanáceas como o tomateiro, o pimento e diversas plantas espontâneas. Durante o Inverno vive sobre tubérculos ou restos de plantas, suportando facilmente a passagem para a época do ano em que encontra o ambiente óptimo para o seu desenvolvimento em pleno Verão.

Os sintomas da doença sobre plantas manifestam-se por manchas escuras sobre os folíolos, geralmente próximo das margens. Essas manchas têm uma auréola verde-pálida e um aspecto húmido ao princípio mas acabam por secar. No caule as manchas têm aspecto semelhante mas apresentam-se mais escuras dando por vezes a sensação de que os tecidos estão queimados. Também ataca o tubérculo provocando-lhe exteriormente manchas acastanhadas em depressão, e, no interior da polpa, manchas castanhas húmidas.

Uma interacção complexa de humidade e temperatura condiciona o desenvolvimento do míldio. Os ataques mais intensos surgem quando a noites frescas e húmidas sucedem dias quentes com elevada humidade relativa. A humidade do terreno também exerce a sua acção como se compreende pelo que as terras argilosas, que retêm maior quantidade de água, favorecem o desenvolvimento da doença.

O combate do míldio tem aspectos fundamentalmente preventivo e traduz-


-se por três linhas principais de acção:

a) **Emprego de variedades resistentes:** Embora a resistência do míldio não seja total, há variedades bastante resistentes ou pelo menos pouco susceptíveis ao ataque de algumas raças daquele fungo. É bastante resistente, por exemplo, a Arran Consul e pouco susceptíveis a Alfa e a Kennebec, embora esta última tenda a desaparecer do mercado por outras razões.

b) **Uso de práticas culturais adequadas:** Entre estas destaca-se o emprego de semente sã; a não utilização de terras encharcadiças que encerram aliás outros perigos; a amontoa correcta para evitar que os esporos dos fungos cheguem ao contacto com o tubérculo; arranque e destruição de plantas atacadas para evitar a contaminação das restantes; queima da rama por meios químicos no final da cultura para obviar à passagem da doença da rama para os tubérculos e, por outro lado, evitar que a doença permaneça no terrenos de um ano para o outro nos restos das plantas.

c) **Tratamentos Fitossanitários:** Os tratamentos fitossanitários devem acima de tudo seguir um esquema sistematizado ou obedecer estritamente às instruções dos postos de aviso sempre que estes existam. Os tratamentos fazem-se preventivamente usando o Kor 80 à razão de 250 gramas em 100 litros de água em pulverização. Como tratamentos curativos poderão utilizar o Brestan 60 na dose de 40 gramas em 100 litros de água em pulverização.

(Continua na pág. 12)



Basta

a melhor alternativa


Herbicida total

Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o Departamento de Agricultura da Hoechst Portuguesa S.A.

	MEM MARTINS	PORTO
TELEFONE	921 21 80	66 70 51
TELEX	16 380	22 708
FAX	922 25 77	69 05 70
MORADA	APARTADO 6 2726 MEM MARTINS CODEX	APARTADO 1041 4101 PORTO CODEX

Hoechst - um amigo na agricultura

Hoechst 

Cap. Soc. 5 000 000 000\$000000 Reg. Com. Sêntia n.º 1436

(Continuação da pág. 11)

2) **Sarna vulgar** — Provocada pelo fungo *Streptomyces scabies*, (Thaxt.) Wak, et Henr, traduz-se pelo aparecimento à superfície da casca dos tubérculos de pequenas pústulas ou bexigas que por vezes se ligam entre si e são formadas por um tecido encorticiado.

Os terrenos alcalinos facilitam a propagação desta doença que se combatê essencialmente pelo uso de semente sã e de fertilizantes ácidos e o emprego de rotações longas (mesmo de seis anos). Existem também variedades com diferencial grau de resistência à doença.

3) **Alternariose** — Quando atacada por esta doença, cujo agente é a *Alternaria solani* Jones et Grout, as batateiras apresentam as folhas com manchas castanhas de contorno bem marcado e no seu interior círculos concêntricos bem

característicos. Alguns tratamentos feitos para o míldio combatem esta doença como os que são efectuados usando o *Brestan 60* à razão de 40/50 gramas em 100 litros de água em pulverização.

B) PROVOCADAS POR VÍRUS

1) **Viroses** — Vulgarmente designadas por doenças de degenerescência, as viroses — designação mais correcta — são, a par do míldio, das doenças mais desastrosas para esta cultura. São, com efeito, doenças parasitárias, muito infecciosas que causam grandes prejuízos, e não se podem detectar no tubérculo, pois que os seus sintomas se manifesta exclusivamente na parte aérea da planta.

a) **O mosaico**, provocado pelo vírus X caracteriza-se por folíolos mais ou menos rugosos e enfolados apresentando manchas amarelas e escuras que se alter-



CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR A3 / AM



PORMENOR DE QUEDA DE CALIBRADOR POR PÊSO



DESCARREGADOR E ELEVADOR



CALIBRADOR POR PÊSO 4 LINHAS



TAÇAS DE CALIBRE POR PÊSO



PRÉ-CALIBRADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"

TELEF. 044/81 23 22
FAX 044/81 23 02
TELEX 43811

SONDECA

APARTADO 12
PARCEIROS
2401 LEIRIA CODEX

nam. Estas manchas são visíveis principalmente à transparência. Quando os tubérculos estão infectados as plantas começam a mostrar sintomas da doença logo após a nascença.

b) **O frizado** ou grifa é também um tipo de mosaico provocado por mais de um vírus mas que induz um forte encurtamento das nervuras e pecíolos provocando um encrespamento intenso da superfície das folhas. Estas reduzem o seu tamanho e toda a planta tem menos vigor. Há um decréscimo acentuado de produção.

c) **O enrolamento** é outro aspecto, corrente em Portugal, e que traduz o ataque de um outro tipo de vírus — o vírus 14 - o qual provoca o enrolamento dos bordos dos folíolos das folhas, a começar pelas inferiores. Os bordos enrolam-se para cima paralelamente à nervura principal. A cor das folhas e dos caules modifica-se podendo ser amareló-verdeada ou avermelhada conforme as variedades. As folhas tornam-se rígidas e quebradiças.

f) **Pragas** — Entre as pragas polífagas — pragas que se alimentam de diversas plantas — mais importantes que atacam a batateira destacam-se: os nemátodos, os afídios, os alfinetes, os ralos, as nóctuas e as roscas, as lesmas e os caracóis.

Entre as pragas específicas da batateira têm particular importância o escarvalho americano e a traça da batateira.

(Continua no próximo número)

DESPORTO

Por **JOÃO PEDRAS**

FUTEBOL

Como é do conhecimento geral, o C. F. de Fão deu boa conta do recado ao ficar em 7.º lugar no campeonato da 1.ª Divisão da Associação de Futebol de Braga.

Talvez por isso não será difícil arranjar uma nova direcção para o próximo ano. Já há uma lista que pela primeira vez na história do futebol engloba três moças da terra.

O Belmiro Gonçalves que ficou com a criança nos braços, após a desistência do Presidente, está indigitado para essa função no próximo elenco.

Uma medida muito louvável da futura Direcção foi a chamada ou convite bem sucedido aos atletas fangueiros que jogavam noutros clubes do concelho.

Assim, podemos informar que se inscreveram no C. F. de Fão os seguintes conterrâneos: Cavung (Gandra), Brasileiro (Gandra), Cenourinha (Antas), Pedras (Antas), Pinheiro (Forjães), Valdemar (Forjães), Oeiras (Forjães), Zico (Vila Chã).

CANOAGEM

II REGATAS SANJOANINAS — PORTO

Numa regata onde apenas participaram embarcações de K4, os atletas do Clube Náu-

tico de Fão obtiveram as seguintes classificações:

K4 cadetes/infantis: 1.º Miguel Pedras, José Serra, João Santos e Artur Hipólito.

K4 séniores/juniores: 4.º João Anunciação, Gustavo Costa, Agostinho Neto e Lázaro Penetra.

MARATONA COSTA NOVA — AVEIRO

Esta 1.ª etapa do Campeonato Nacional de Maratonas, contou com a participação de um elevado número de clubes. Os atletas do Clube Náutico de Fão obtiveram as seguintes posições: K2 seniores: 4.º João Anunciação/Agostinho Neto; K1 séniores: 8.º Gustavo Costa; C1 seniores: 2.º Emílio Araújo e 3.º Carlos Vieira; K2 juniores: 2.º António Roxo/António João Ferreira; C1 juniores: 2.º António Ferreira; K2 cadetes: 5.º José Serra/João Santos; K1 cadetes: 3.º Miguel Pedras e 6.º Artur Hipólito; C1 cadetes: 1.º Hugo Moreira; K1 cadetes femininos: 7.º Mónica Oliveira.

O C. N. de Fão obteve o 5.º lugar por equipas.

ESCOLA HOTELEIRA

Em 1992 vai passar a funcionar no edifício da Escola Amorim Campos um curso de hotelaria com quatro valências.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fangueiro» através dos Correios será por conta do assinante.

PANFLETOS

Chegaram-nos às mãos alguns panfletos que tentam minorar a vantagem da construção de uma Pousada de Juventude na terra. Foi o papel mais idiota que se escreveu para o público de Fão até hoje.

O Presidente da Câmara dá-nos uma Pousada de mão beijada. São mais postos de trabalho, mais visitantes na terra e mais frequentadores dos cafés e estabelecimentos locais. A Câmara é questionada fortemente na imprensa local por escolher a terra fangueira como sede do novo organismo.

Apesar disso, alguém (que é sempre o mesmo) vem pôr em dúvida as vantagens da construção dum tal edifício entre nós.

Os argumentos invocados nesse panfleto são de uma visão néscia e miserabilista que confrange. Ainda se fossemos a aldeia de Rilbafoles ainda vá que não vá. Mas ser filho de Fão e pensar assim... de facto é a pensar deste modo que nós não progredimos e que somos ultrapassados por outras terras do concelho.

E patéticamente ainda se invoca o «Senhor Bom Jesus de Fão... Ao menos isso serviu para identificar o seu autor.

★

P.S.: Agora não venham dizer que estamos ao lado do PSD. Estamos, sim, ao lado da terra. E nunca ao lado da ignorância.

LAMPIÕES

Em várias artérias de Fão foram colocados lampiões que aumentaram a sua luminosidade, conferiram-lhes uma certa patina e enquadraram-se perfeitamente no aspecto citadino da terra.

Trata-se de uma iniciativa que veio alinhar sem dúvida a urbe fangueira. E muito.

★★★★★

estalagem
PARQUE DO RIO

OFIR
PORTUGAL



UM LUGAR TRANQUILO

Tel. 961521 - 2 - 3 - 4 — Telex 32066

TECIALGO

TINTURARIA E ACABAMENTOS TÊXTEIS

R. SENHORA CAMPANHÃ — 4000 PORTO
TEL. 572829 - 567022 - 572574 — TELEX 23392 — FAX 5100734

Somos possuidores da Melhor Técnica de Serviço a nível Europeu

Possuímos secções equipadas com o que há de mais evoluído

- TINTURARIA DE MALHAS E TECIDOS
- ACABAMENTOS RÁMULAS
- CALANDRAS
- MERCERIZAÇÃO DE MALHA
- COMPACTAÇÃO DE MALHAS
- CARDAÇÃO — MALHAS E TECIDOS
- LAMINAGEM — MALHAS E TECIDOS

ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Pelas 14.30 horas do dia 17 de Maio de 1991 reuniu a Assembleia Municipal de Esposende extraordinária, a pedido do Grupo Parlamentar do C.D.S. e P.S., para tentar rever o regulamento do Saneamento. Entre outros pontos agendados, estavam Higiene e Limpeza em lugares públicos e confinantes, Regulamento de abastecimento de água ao Concelho de Esposende.

O primeiro ponto, regulamento de saneamento, foi discutido em primeiro lugar pelo grupo parlamentar do CDS e PS, que tentaram apelar e demover o Executivo Camarário e o Concelho de Administração dos Serviços Municipalizados para o reverem, pois nele se encontram graves injustiças que em nada vêm favorecer os munícipes mais carenciados.

Depois de discutido, entrou na mesa uma proposta de recomendação do CDS e do PS, com algumas alterações ao Regulamento. Depois de votadas, foram as mesmas derrotadas pelos deputados do PSD e também por alguns deputados do CDS, com 26 votos a favor e 9 contra. É certo que o CDS e o PS tem a maioria na Assembleia Municipal, mas os elogios por parte do Presidente da Câmara e do seu executivo, ultimamente aos deputados do CDS e a alguns verdadeiros estão agora a dar os seus frutos. Não somos nem seremos nunca uma oposição sistemática, como fazia o PSD em anteriores mandatos. Votaremos sempre com consciência e olhando ao engrandecimento do nosso Concelho. Não nos servimos nem nunca seremos servidores nem reboque de ninguém.

Podem estar certos todos os Fangueiros que defenderei sempre os interesse na nossa terra, mesmo que para isso me prejudique a mim mesmo, o que tem vindo a acontecer. Não cederei nunca a elogios para alcançar um lugar num Pódium. Serei sempre igual a mim mesmo na defesa dos munícipes e do Concelho a que pertencço. Só depois servirei o partido.

Junto envio declaração de voto apresentada por mim, na última Assembleia Municipal em que uma vez mais defendi os interesses dos mais carenciados.

Sem mais, para que o nosso jornal continue a publicar os artigos daqueles que sempre defendem a nossa terra.

DECLARAÇÃO DE VOTO NA ÚLTIMA ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Exercendo o direito de lavrar voto de vencido, venho através deste expressar o meu desacordo pelo conteúdo do Regulamento para a Rede de Saneamento do Concelho de Esposende.

Senhor Presidente, é sabido por todos quantos aqui estamos que o saneamento é um bem para a comunidade do nosso Concelho. Isto não causa qualquer discórdia. No entanto os termos em que esse saneamento está previsto ser feito, através da aprovação do respectivo regulamento, é alvo de várias considerações negativas na minha opinião.

Parece-me que, quer as taxas estabelecidas quer a obrigatoriedade do saneamento, fazem «tábua rasa» da situação concreta em que vive grande parte da população do nosso Concelho.

Quero através desta declaração chamar a atenção nomeadamente para os mais necessitados. Não creio que esses, mesmo com a possibilidade de pagamento em prestações, tenham reais hipóteses de satisfazer o que es-

te Executivo pretende exigir deles. Além disso, saliente-se, muitos dos nossos munícipes vivem em habitações que antes do saneamento necessitam de outras obras (portas, paredes, telhados, etc.), para que nelas se vá podendo viver.

Pense-se também na generalidade dos reformados e viúvos, aos quais os seus rendimentos mal dão para pagar as despesas com medicamentos ou com a renda.

Como pode este Executivo pensar em impôr às pessoas tão pesados encargos (como se já não bastasse a Contribuição Autárquica)?

Que crime cometerão as pessoas que não têm possibilidades económicas para pagar tão exorbitante encargos?

Acha este Executivo que algum Juiz irá condenar quaisquer pessoas por serem pobres e carenciadas?

É, pensando nos mais carenciados, na sua defesa e na de todos os munícipes, especialmente nos que confiarão o seu voto, que apelo ao bom senso e ao respeito pelos direitos dos munícipes, já que vivem num Estado de Direito Democrático que nos permite escolher o melhor para eles mesmos.

Não se queira impôr mais sacrifícios do que os que já existem. Pense-se nos abastados!

Esposende, 17 de maio de 1991

ÓSCAR VISNA

PAGUE A ASSINATURA

Como acontece em quase todos os jornais regionais, há muita gente que não paga ou deixa de pagar o jornal. É uma velha praga.

Esquecem essas pessoas que os responsáveis desenvolvem um grande trabalho que não é remunerado. Sim, nós trabalhamos de borla para o jornal. São muitas horas que dispendemos de uma forma absoluta. É tudo de borla.

Mas há outros trabalhos que o não são. Por exemplo os que dizem respeito à tipografia. Neste momento estamos a puxar dos cordões à bolsa. E, claro, tudo tem um limite.

A todos os nossos assinantes pedimos que liquidem a assinatura ou então digam que não querem. É que, reduzindo o número de jornais, deixamos de pagar tanto. Ao menos, que façam isso e que paguem os jornais que já receberam.

O NOVO FANGUEIRO FÃO

ROTARY DE ESPOSENDE

Transmissão de Tarefas

O Club Rotário de Esposende viveu na sexta-feira, 5 de Julho, um dia festivo. Foi a chamada transmissão de tarefas. A direcção que presidiu aos destinos daquela agremiação no ano 1990-91 deu o lugar à direcção que vai tomar conta do Clube no ano de 1991-92. Em termos de presidentes: José Alberto Costa e Silva entregou o facho a José Armando Faria Ferreira. É sempre um momento de alegria e de saudade. O Presidente entrante estabeleceu as linhas de acção que vai ser seguidas no novo ano que em Juho começa. Nomeadamente evocou o lema que o Presidente de Rotary Internacional escolheu para o ano em curso: *Olhe mais além de si mesmo*. Com efeito, o rotário é um homem que não acaba em si mesmo. A comunidade em que está inserido é uma aposta de acção que o vai envolver e responsabilizar para que o mundo futuro seja melhorados que o actual. «Temos que deixar um mundo melhor para os nossos netos», finalizou o novo Presidente do Rotary Clube de Esposende.

Estiveram presentes delegações de outros clubes vizinhos que, pela voz dos seus representantes, saudaram o Clube em festa e lhe desejaram os melhores êxitos. Na sala do hotel onde se realizou a cerimónia, esteve presente ainda o representante da Câmara, eng.º Adelino Miranda Marques que disponibilizou o município para apoiar os rotários de Esposende em tudo o que beneficiasse o concelho.

PARTIDO SOCIALISTA

Num dos últimos fins de semana, esteve em Esposende o dr. Jorge Sampaio, Secretário Geral do Partido Socialista.

Foi recebido no Largo frente aos antigos Bombeiros e aí fez uma alocução à numerosa assistência presente. A tónica do seu discurso preferenciou a habitação, o ensino, a segurança social e a saúde. Acompanhado dos dirigentes locais, dr. Juvenal Silva, dr. José Gualdino e dr. Xavier, visitou depois a sede local do Partido Socialista. Seguidamente integrou-se num longo cortejo que percorreu a pé a rua 1.º de Dezembro.

Finda esta «prova de força», a caravana socialista seguiu para Apúlia, não deixando de percorrer as ruas da Vila de Fão. Na terra dos Sargaceiros onde reside um dos mais fortes núcleos do partido, realizou-se uma sardinhada.

De registar a excelente caldeirada preparada pelo Manuel Boucinha e sua Esposa, dentro aliás da boa tradição apuliense de bem receber os seus amigos.